

Nova política industrial

A coluna deste mês foi escrita em Seul, onde passava uma temporada a convite da Development Gateway Foundation, ligada ao Banco Mundial, e do Instituto Coreano de Desenvolvimento de Estratégias de Informação (KISDI), think tank financiado pelo Ministério de Informação e Comunicação da

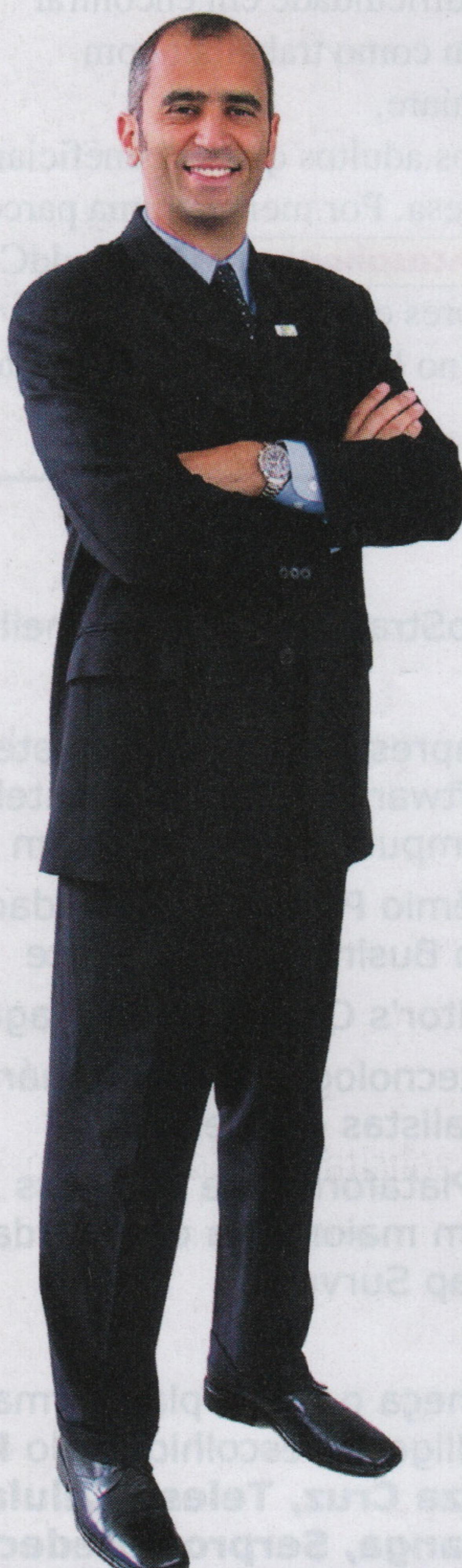


Foto: Eduardo de Souza

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico

 cid.torquato@camara-e.net

República da Coréia. Representantes de 13 países estiveram reunidos para aprender detalhes do programa “e-Korea”, e de como esse pequeno país, depois de meio século de humilhação japonesa e de uma violenta guerra, fratricida e secessionária, deixou seu passado eminentemente agrícola para tornar-se um dos líderes mundiais na fabricação e uso das mais modernas ferramentas oferecidas pelas tecnologias da informação.

A oportunidade não poderia ter vindo em época mais adequada, tendo em vista o compromisso do governo Lula de apresentar ao País o que está sendo chamada de Nova Política Industrial Brasileira.

Uma prévia desse importante exercício formulador já foi apresentada ao mercado por meio do documento “Diretrizes de Política Industrial Tecnológica e de Comércio Exterior”, elaborado pelo Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, que está servindo de base para as discussões entre os ministérios.

Para nós, o mais interessante desse documento e, esperamos, da proposta de política em elaboração, é o caráter estratégico dado à produção de tecnologias da informação, elevando-as ao topo da pirâmide de prioridades industriais do País neste começo de milênio. Entre os quatro pontos principais a serem incentivados, dois referem-se às TICs: software e semicondutores (os outros são fármacos e bens de capital).

Isso representa um significativo avanço para nosso setor e para o Brasil como um todo. Como venho insistindo neste espaço editorial, temos de encontrar os caminhos para, de forma definitiva,

Por Cid Torquato

tornarmo-nos fabricantes, exportadores e players internacionais, ainda que apenas regionais, do já disputadíssimo mercado de tecnologia.

Na Coréia, a consciência, o planejamento e as ações que a transformaram em potência tecnológica começaram já nos anos 60. Com sabedoria industrial e comercial, as empresas coreanas, sob forte apoio governamental, se beneficiaram do enorme desenvolvimento global do setor de microeletrônica. Por exemplo, nos últimos 20 anos, a indústria de semicondutores apresentou, sozinha, média de crescimento anual de cerca de 15%!

No Brasil, por outro lado, no final dos anos 80, com a famigerada reserva de mercado a pleno vapor, chegamos a ter mais de 20 empresas de semicondutores. Hoje sobram apenas três para contar a história.

A indústria brasileira de software, por sua vez, sétima do mundo em volume de negócios, embora bastante sofisticada e responsável por auto-suficiência em alguns setores, carece de uma estratégia de competitividade internacional e encontra dificuldades para ampliar nossas pífias exportações de, exagerando, não mais de 150 milhões de dólares.

Sabemos que para desenvolver essas indústrias, além de uma boa política, precisamos de incentivos, benefícios, isenções, investimentos, capital a baixo custo, e profissionalismo dos agentes públicos, claro, mas também do empresariado, desde já, ainda nesse processo de formulação.

Parte do desafio é chacoalhar o ineficiente sistema chapa-branca hoje nominalmente responsável pela promoção desses setores.

